

O Lugar da Teologia Prática como Disciplina Teológica

Lothar Carlos Hoch

Olhando-se para o cenário das igrejas latino-americanas na atualidade, observa-se uma riqueza de práticas pastorais jamais verificada nesse continente. Por todos os lados e perpassando as mais diferentes denominações religiosas vão pipocando práticas pastorais as mais diversas. É, sem dúvida, um momento rico e criativo que vive a pastoral latino-americana.

No entanto, olhando-se mais a fundo, verificar-se-á que o cenário multicolorido das pastorais é bastante confuso. Tem-se a impressão de que tantas quantas são as pastorais são igualmente as propostas que as norteiam e os pressupostos que as orientam. Não é nada fácil orientar-se nesse labirinto.

Algumas perguntas se impõem. Por exemplo: qual a diferença entre Teologia Prática e pastoral? Qual a competência específica de cada uma delas? Poderia a Teologia Prática contribuir para ordenar o caos da pastoral de modo que o momento privilegiado da pastoral se transformasse igualmente num momento privilegiado da Teologia Prática?

1. A Teologia Prática numa Atitude de Busca

Parte da situação confusa reinante na pastoral deve ser atribuída à própria riqueza do cenário religioso que se apresenta na América Latina hoje e aos desafios que a realidade deste continente coloca para as igrejas. Uma parcela de responsabilidade por esse quadro, no entanto, deve ser procurada no distanciamento que hoje existe entre a pastoral praticada nas igrejas e a formação oferecida pelos seminários e centros de formação teológica mantidos pelas igrejas. Não há sintonia entre a pastoral desenvolvida nas congregações ou igrejas locais e nos movimentos populares e a Teologia Prática ensinada nos seminários.

Suspeito que nos seminários se esteja ensinando uma Teologia Prática que se sentsse tanto de uma teoria que lhe seja específica quanto de clareza dos pressupostos com os quais está operando. Receio que, devido à falta de diálogo entre os/as professores/as das diferentes subdisciplinas da Teologia Prática, pouco se esteja refletindo sobre a base comum que as norteia. A falta de uma nomenclatura comum (Teologia Prática? Teologia Pas-

toral? Teologia Aplicada?) é sintomática para a falta de clareza que reina em torno da disciplina. Outro sintoma preocupante é o fato de praticamente não existirem publicações de autores latino-americanos sobre a natureza da Teologia Prática.

Ora, se a Teologia Prática ensinada e praticada nos seminários opera sem uma conceituação teórica própria, como esperar que a pastoral que se desenvolve no seio das igrejas tenha clareza teórica daquilo que faz? Para evitar mal-entendidos, devo esclarecer que não defendo o ponto de vista de que a Teologia Prática devesse pretender direcionar a pastoral que se pratica nas bases. A pastoral nas igrejas locais e a pastoral popular não permitem a tutela de uma teologia concebida no recôndito das bibliotecas e das salas de aula dos seminários. Até porque, segundo a sadia tradição protestante, o próprio povo da Igreja deve ser co-sujeito da teologia que põe em prática.

Para ser mais preciso, entendo que os seminários, por influência da Teologia Prática, devam ser uma caixa de ressonância das diferentes pastorais que vão surgindo no meio do povo de Deus nas bases. Esta é a sua vocação. Infelizmente, por falta de labor teológico próprio, outras disciplinas teológicas têm assumido este papel. Por outro lado, num ato recíproco, as pastorais desenvolvidas na base deveriam ser animadas, inspiradas e respaldadas teologicamente pela Teologia Prática ensinada nos centros de formação teológica das igrejas. Mas para isso a Teologia Prática precisa encurtar o caminho que a separa da pastoral. Ela precisa sair dos altos muros que cercam nossos seminários e alcançar a rua.

A Teologia Prática é a interlocutora especial das práticas pastorais desenvolvidas no seio do povo de Deus. Estas precisam da análise e da reflexão teológica a fim de que possam melhor resistir a críticas intermitentes de que são alvo, tais como o espontaneísmo e a falta de rigor metodológico, frutos de um déficit de reflexão teológica.

A nossa situação de teólogos práticos é, sem dúvida, peculiar. Somos solicitados a nos posicionar sobre questões que dizem respeito a muitos temas que se situam no limite entre a teologia e outras áreas do conhecimento humano. Para fazê-lo precisamos de conhecimentos oriundos não só de todas as outras disciplinas teológicas, como também de conhecimentos sociológicos e psicológicos que a abordagem de uma temática não raro requer. Também somos freqüentemente solicitados a abordar questões que dizem respeito às ciências da religião, aos meios de comunicação social, à política, à economia e à cultura (p. ex., questões relacionadas com o racismo e o sexismo). Aliás, toda área próxima à teologia que não se encaixa bem nas disciplinas tradicionais costuma ser incorporada à Teologia Prática.

Esta circunstância nos transforma em uma espécie de “*all round persons*”, pessoas que entendem de tudo um pouco. E justamente por isso, corremos o risco de nos tornarmos superficiais. Para sair disso precisamos arrumar nossa própria casa, adquirir clareza sobre o estatuto próprio que rege a Teologia Prática como disciplina teológica, sobre o que seja o seu

objeto de estudo específico e de que disciplinas ela se compõe. Só quando a nossa competência estiver claramente definida e quando tivermos feito estudos sérios dentro de nossa área de competência, estaremos em condições de contribuir de forma séria e respeitável para o diálogo interdisciplinar. Para poder dar uma contribuição válida no diálogo interdisciplinar cada parceiro precisa saber quem é. Justamente esta clareza de identidade ainda nos falta como teólogos práticos.

Não são de todo injustificadas as lorotas que circulam em relação à nossa disciplina. A mais recente, procedente dos EUA, contaram-me outro dia: Um jovem estudante perguntou ao seu professor: “*What is Practical Theology?*” O mestre respondeu: “*It is practically theology.*”

Vejamos se a história pode vir em nosso socorro para desfazer este ultraje!

2. Uma Pequena Incursão na História

Desde o seu berço a Teologia Prática é uma disciplina controvertida. O seu nascimento como disciplina teológica com assento nas faculdades de Teologia deu-se mais por um ato de negligência, quase por um descuido, do que propriamente como fruto de um desejo consensual de seus genitores.

Para me fazer entender melhor, preciso retroceder um pouco na história. Estamos na Alemanha, nos inícios do século XIX. A teologia tem assento na alta esfera das universidades estatais como uma das faculdades que disputam o interesse dos estudantes. Imbuída do espírito iluminista predominante na época, a teologia se esforça por atestar a sua legitimidade como ciência. Nesse afã, torna-se vítima de um academicismo estéril e se afasta da vida da Igreja. Não há uma relação sadia entre a teoria teológica ensinada na universidade e a prática do ministério pastoral e a vida de fé dos membros da Igreja na base.

Surge a necessidade de criar-se uma disciplina teológica capaz de estabelecer uma relação adequada entre a teologia acadêmica e a prática da fé. E é precisamente com esse propósito que se institui a Teologia Prática como uma nova disciplina no currículo do estudo de Teologia, ao lado da exegese, da história e da dogmática.

Não deixa de ser irônico que Friedrich Schleiermacher, o “pai da Teologia Prática”, a quem Karl Barth¹ considera um dos maiores, senão o maior teólogo do século XIX, incumbido de implantar a nova disciplina na Faculdade de Teologia da Universidade de Berlim, em 1810, se refira à mesma nos seguintes termos: “Para dizer logo minha opinião sobre o assunto, acho que a criação de uma cadeira própria de Teologia Prática não é desejável. Melhor seria se esta função fosse assumida paralelamente pelos professores encarregados de se ocupar com as disciplinas teóricas.”²

Como se explica esta hesitação de Schleiermacher? Ela resulta da premissa protestante de que toda teologia é por natureza prática. Lutero não

poupou críticas à teologia especulativa de Aristóteles e Tomás de Aquino³. A teologia que tem Jesus Cristo como fundamento precisa necessariamente ser prática, pois ela resulta do seguimento da sua cruz. Fé cristã não se limita à contemplação ou ao ato de assentir a um sistema de verdades reveladas, mas consiste em se envolver com Jesus, sua palavra e ação e em segui-lo em sua trajetória de cruz e sofrimento. Toda teologia é essencialmente teologia da cruz⁴. E como tal só poderá ser teologia prática.

A despeito disso, a análise histórica nos permite tirar uma primeira conclusão: a necessidade de se criar uma disciplina teológica especial para recuperar a dimensão prática da teologia, depois de 300 anos de protestantismo, por si só é um indicativo de que a própria teologia se desviou de sua mais genuína vocação, a saber, de ser teologia prática. Ela se afastou do povo da Igreja na base e passou a freqüentar os círculos eruditos das universidades. A Teologia Prática surgiu para corrigir uma distorção.

Se esta circunstância, por um lado, justifica seu surgimento e lhe confere uma identidade própria como disciplina teológica, pois lhe aponta o caminho por onde trilhar, por outro lado, indica um sério perigo, qual seja, o de tornar-se uma disciplina destinada a cobrir as lacunas que as demais disciplinas deixam abertas.

Mas as circunstâncias do surgimento da Teologia Prática no século XIX ainda nos deixaram um segundo legado. Como a teologia estava distante da vida da Igreja, também estava distante da hierarquia da Igreja. Schleiermacher concebeu a Teologia Prática como a disciplina que se ocupa com a técnica da condução e do aperfeiçoamento da vida da Igreja⁵. Cabe-lhe fornecer o instrumentário técnico pelo qual a hierarquia da Igreja dirige e regulamenta as diferentes funções (p. ex., o exercício do ministério pastoral) e as manifestações da vida eclesial, tais como o culto, a catequese, o aconselhamento e a própria forma da vivência comunitária da fé.

O mérito desta concepção de Teologia Prática de Schleiermacher reside no fato de se ter restabelecido a relação entre teologia e Igreja e, por extensão, entre teoria e prática. O problema consiste em ter aberto o caminho para que a Teologia Prática fosse cooptada pela hierarquia eclesial e, por conseguinte, exposta ao risco de ficar atrelada à mesma. Fica a pergunta: este não foi um preço muito alto pago por uma disciplina que ele mesmo pretendia que fosse a “coroa da teologia”⁶?

E mais: será que a Teologia Prática não continua até os dias de hoje a pagar um alto tributo por essa estreita vinculação com a hierarquia eclesial? Senão vejamos: não é suspeita a freqüência com que justamente teólogos práticos são incumbidos pela direção das igrejas de preencherem funções administrativas? E não é igualmente suspeita a forma subserviente com que muitos de nós, honrados pelo privilégio de termos caído nas graças dos bispos e presidentes de Igreja, desempenhamos nossas funções de vigilantes da tradição e da ordem eclesial, negligenciando a reflexão teológica e o nosso compromisso profético em relação à própria instituição

Igreja? Seriam, porventura, os teólogos práticos mais afeitos aos cargos eclesiásticos do que ao labor teológico?

Em suma, pode-se dizer que o estudo das origens da Teologia Prática no século XIX nos ensina que o seu lugar vivencial não é nem a universidade nem tampouco a corte eclesiástica. Não é a universidade, não porque a Teologia Prática fosse avessa ao estudo e à pesquisa, mas por causa da erudição e do academicismo vigentes em alguns centros de formação teológica e o conseqüente distanciamento do povo simples da Igreja. E não é a corte eclesiástica porque a Teologia Prática, como toda teologia que pretenda se auto-intitular de evangélica, não se presta a ser instrumento de controle e tutela da fé.

A tarefa primeira da Teologia Prática consiste, por isso mesmo, em encontrar o seu lugar específico, desde o qual possa dar a sua contribuição própria tanto à teologia como à Igreja e, muito especialmente, aos desafios que a sociedade, no nosso caso, a sociedade latino-americana, lhe colocam.

3. A Discussão mais Recente em torno do Lugar da Teologia Prática

Num primeiro passo a Teologia Prática deve buscar o seu lugar específico no diálogo com as demais disciplinas teológicas. Isso porque a teologia é uma totalidade indivisível. Como diz R. Bohren, “em cada disciplina esta totalidade indivisível precisa tornar-se transparente. Cada disciplina só pode realizar de forma legítima o seu trabalho específico no horizonte dessa unidade da teologia.”⁷

Assim sendo, a Teologia Prática não pode assumir uma postura de auto-suficiência, a ponto de dispensar a contribuição das demais disciplinas. Mas ela tampouco deve se subestimar, a ponto de achar que não tem nada com que contribuir. Ela vai encontrar o seu lugar na medida em que se abrir às demais disciplinas, sem ressentimentos em relação às mesmas por serem mais antigas e já consagradas, mas também sem sentimentos de inferioridade.

Olhando ao redor, verá que a teologia bíblica reflete sobre o testemunho da comunidade de fé da antiga e da nova aliança, mais precisamente sobre os textos que aquelas comunidades de fé nos legaram e sobre o contexto no qual se deu o seu testemunho. A teologia histórica reflete sobre a trajetória da Igreja através dos tempos e sobre a forma como ela enfrentou os embates com os novos contextos culturais, religiosos e ideológicos. A teologia sistemática (dogmática e ética) desempenha a tarefa de explicar e atualizar os conteúdos da fé cristã, buscando oferecer orientação para a conduta cristã⁸.

Teria a Teologia Prática motivos para apreensão quanto à sua contribuição específica? Eis, a seguir, algumas tentativas mais recentes, oriundas

principalmente do protestantismo europeu, de relacionar a Teologia Prática com as demais disciplinas teológicas:

1º modelo — Teologia Prática como prática da teologia

Segundo Tillich, a Teologia Prática não chega bem a ser teologia. Ele afirma textualmente: “Embora Schleiermacher a elogiasse como o coroa-mento da teologia, ela não é uma terceira parte que se acrescenta às partes histórica e sistemática. Ela é a teoria técnica, através da qual estas duas partes são aplicadas à vida da igreja.”⁹

Em outras palavras: a Teologia Prática, para Tillich, é aquela que fornece o instrumental técnico para que os conhecimentos eruidos das demais disciplinas teológicas possam ser aplicados à vida da Igreja. Assim sendo, ela não tem o *status* de uma disciplina teológica. Entendo que Tillich cometeu um equívoco ao cognominar de “teologia” prática uma disciplina que para ele tem uma finalidade primordialmente técnica.

2º modelo — Teologia Prática como teologia da prática

Segundo Werner Jetter¹⁰, “Teologia Prática é a teologia do servir da Igreja”. Esta compreensão representa um avanço em relação à anterior na medida em que considera o servir da Igreja como sendo uma função teológica. Enquanto tal, também a disciplina teológica que se ocupa com esse servir terá necessariamente um cunho teológico. Aqui recupera-se parcialmente a função teológica da Teologia Prática. Mesmo assim, sua tarefa incide apenas sobre a prática da Igreja, sem influir sobre o núcleo do pensar teológico. Ela conserva uma função teológica derivada; é apenas teologia da prática eclesial.

3º modelo: Teologia Prática como ciência da prática

Uma outra tentativa de definir o específico da Teologia Prática foi empreendida por Karl-Fritz Daiber. Para ele cabe à Teologia Prática, em diálogo com outras ciências sociais, desenvolver teorias relevantes para a práxis da Igreja no mundo atual¹¹. A contribuição de Daiber consiste em levar a sério a interdisciplinaridade da teologia e em perguntar com insistência por formas eficazes do testemunho cristão no mundo. Outro aspecto relevante da sua posição está em relacionar teoria e prática de forma dialética. Ele chega a afirmar que a experiência prática precisa influenciar a teoria de modo a que esta mesma esteja mais orientada para a prática¹².

O problema básico desta posição é que, como ciência da ação, a Teologia Prática perde o seu *proprium* como ciência teológica. Pois o fato de ocupar-se com a Igreja, por si só, ainda não lhe garante o *status* de disciplina teológica. Em suma, aqui a teologia é apenas um fator circunstancial e não fundamental para a Teologia Prática.

Mas a pergunta pela relação entre a Teologia Prática e as demais disciplinas não tem se restringido ao mundo protestante. Ela tem merecido igualmente a atenção de teólogos católicos. Em primeiro lugar deve-se mencio-

nar o nome de Karl Rahner. Para ele toda teologia deve ser pastoral e toda pastoral deve ser teológica¹³. Isso equivale a dizer que a pastoral passa a ser considerada quase como um critério de avaliação da teologia.

Também Norbert Greinacher¹⁴ entende a Teologia Prática como a disciplina à qual cabe intermediar o diálogo e a reflexão entre a teoria teológica (teologia) e a prática da Igreja (pastoral). Essa concepção o levou inclusive a abdicar do tradicional termo católico “Teologia Pastoral” e utilizar a nomenclatura protestante “Teologia Prática”. Greinacher atribui à Teologia Prática a tarefa de ser a consciência prática da teologia.

4. A Contribuição da Teologia da Libertação

Poderia a Teologia da Libertação (TdL) representar um avanço para a Teologia Prática na sua procura por uma identidade própria?

O teólogo europeu Johann Baptist Metz¹⁵ reconhece que a TdL provocou a perda de uma tríplice inocência da teologia européia: a) porque rompeu com a sua inocência social e histórica; b) porque tirou a inocência do monocentrismo cultural centro-europeu e instituiu o Terceiro Mundo como um lugar hermenêutico válido para a teologia; e c) porque acabou com a sua inocência a respeito do pobre.

Na medida em que situa a teologia socialmente, a TdL abre uma perspectiva ímpar de relacionamento efetivo entre teoria e prática. Libânio¹⁶ distingue três níveis de relação entre teoria e prática no seio da TdL:

a) Uma relação teórica na medida em que toma a prática das comunidades cristãs como matéria-prima de sua reflexão. Ao proceder assim, a TdL é uma teologia *da* práxis.

b) Uma relação prática com a práxis na medida em que o próprio teólogo se situa em meio a uma prática de lutas da comunidade e se compromete com esta. A sua teologia será uma teologia *na* prática, ou seja, feita a partir da prática.

c) Por último, a relação entre teoria e prática na TdL se evidencia no fato da teologia ser uma teologia *para* a prática. Isto é, ela se propõe a oferecer subsídios para os que estão envolvidos no *front* das lutas libertadoras.

Mediante esta perspectiva de relacionamento entre teoria e prática a TdL prestou um grande serviço à teologia, pois resgatou aquela verdade, já enfatizada por Lutero, segundo a qual toda teologia é por definição prática. Em outras palavras, ela acabou com o conflito entre o saber que resulta da reflexão intelectual e o saber que resulta da prática da fé. Supera a dicotomia entre o trabalho da cabeça e o trabalho das mãos.

A relação entre teoria e prática desenvolvida pela TdL oferece um fundamento teórico sólido sobre o qual a Teologia Prática poderia edificar a sua própria teoria como disciplina teológica. Porém este trabalho ainda está por ser feito.

A pergunta pela razões dessa lacuna mostrará que a própria TdL dificultou essa tarefa. Senão vejamos: ao estender para toda a teologia aquele papel que antes estava reservado, pelo menos prioritariamente, à Teologia Prática, a TdL deixou esta última sem uma função específica no concerto das disciplinas teológicas. Para a TdL toda a teologia é aquilo que a Teologia Prática sempre tentou ser: teologia para e a partir da prática. Em outras palavras, aconteceu aqui o que Schleiermacher sempre desejou: que a teologia como um todo cumprisse tão bem sua finalidade que a Teologia Prática se tornasse dispensável. No entanto, ao fazer da teologia aquilo que ela sempre deveria ter sido, a TdL tirou da Teologia Prática sua razão de ser.

Um sintoma disso é que a TdL praticamente não fala em Teologia Prática ou Teologia Pastoral. Ela fez o caminho direto da teologia para a pastoral. Por “pastoral” entende o “agir da Igreja no mundo”¹⁷. Este agir se dá em diálogo constante com a teologia toda. Desse modo a Teologia Prática ou Pastoral fica como que anulada entre a teologia propriamente dita, de um lado, e pela pastoral, de outro lado.

Isso não significa que ela tenha desaparecido totalmente. No meio católico ela mantém uma existência mais ou menos circunscrita aos seminários, onde sobrevive como uma matéria do currículo teológico sob o nome de “Teologia Pastoral” ou simplesmente “Pastoral”¹⁸. Que não há consenso, “muito pelo contrário”, a respeito da natureza e da função da Teologia Pastoral na Igreja Católica é hoje admitido abertamente por teólogos católicos¹⁹. Parece claro, contudo, que a pastoral tem como palco o mundo e como seus agentes o povo de Deus como um todo, enquanto que a Teologia Pastoral tem como palco os seminários e como seus agentes os/as professores/as e os seminaristas.

Penso que a TdL faria bem em distinguir mais claramente as competências específicas da Teologia Prática ou Teologia Pastoral como disciplina teológica e a pastoral. Enquanto a pastoral é o agir da Igreja no mundo, Teologia Prática é a teoria da pastoral. Esta distinção de competências poderia contribuir para reabilitar a Teologia Prática na América Latina como uma disciplina teológica com perfil próprio. Além disso, poderia contribuir para dar uma base comum às diferentes pastorais atualmente desconexas.

5. Tentando Definir Responsabilidades

Como já foi dito acima, a Teologia Prática só encontra o seu lugar específico como disciplina teológica numa relação dinâmica com as demais disciplinas teológicas. De minha parte, entendo que a tarefa específica da Teologia Prática seja lembrar as demais disciplinas da vocação prática de toda teologia²⁰.

Dentro desse pressuposto, imagino que a Teologia Prática tenha uma dupla tarefa:

1. Teologia Prática como premissa para o fazer teológico

Ela é premissa de todo fazer teológico na medida em que mantém as antenas voltadas para o mundo e coleta os temas atuais e os desafios que requerem um posicionamento por parte da teologia e da Igreja. A Teologia Prática cabe a tarefa de ser um posto avançado de escuta das preocupações e angústias que atormentam as pessoas e a sociedade na atualidade. Desse modo ela preserva a teologia da introversão e da cegueira para a realidade que a cerca. Para desempenhar esse papel, ela entra em diálogo direto com as ciências sociais e se assessorada das mesmas, pois só assim obterá uma visão acurada das coisas. A Teologia Prática é a interlocutora privilegiada da teologia com as ciências sociais.

Não é necessário dizer que o diálogo da Teologia Prática com a realidade precisa se dar dentro de uma determinada ótica teológica própria, da qual não pode abdicar, sob o risco de perder sua função teológica. Dizer que sua ação é premissa para a teologia não é o mesmo que dizer que sua ação seja anterior à teologia. Esta ênfase torna-se necessária para evitar que se repita aqui o mal-entendido suscitado no seio da TdL, como se o primeiro passo da conhecida tríade “ver, julgar e agir” fosse um ato objetivo e destituído de qualquer premissa teológica.

2. Teologia Prática como consciência crítica da teologia

A Teologia Prática pergunta em que medida se alcança a finalidade última da teologia, a saber, a de se tornar prática responsável e eficaz da fé cristã. Teologia que não se destina à transformação do mundo e da própria Igreja perde sua vinculação com o evangelho transformador e questionador de Jesus Cristo. Ela se torna uma ciência estéril. A Teologia Prática contribui para salvaguardar a relevância da teologia e da atuação da Igreja para a atualidade.

Em outras palavras, a Teologia Prática julga se a prática da Igreja é coerente com os postulados e com o discurso teológico que ela emite. Nesse sentido ela é a consciência crítica tanto da teologia quanto da Igreja, que, para permanecer fiel à sua vocação, precisa ser *ecclesia semper reformanda*. A Teologia Prática pergunta se a Igreja como se apresenta hoje corresponde à intenção original do Senhor da Igreja. Ou, como diz R. Bohren²¹, a pergunta da Teologia Prática pela verdade é a pergunta pela verdadeira Igreja.

Mas a Igreja não pode se limitar a ouvir a crítica que procede do seu próprio meio. A Teologia Prática precisa ser porta-voz também daqueles que de fora da Igreja apontam para a coerência ou a incoerência de sua prática. Como posto avançado de escuta da Igreja, a Teologia Prática é advogada do mundo junto à Igreja.

É evidente que para exercer de forma eficaz essa função crítica a Teologia Prática precisa se aparelhar adequadamente e desenvolver instrumentos efetivos de análise. Acima de tudo, precisa ter critérios teológicos e um rigor metodológico para julgar se sua crítica é procedente. Caso contrário,

no afã de levar a Igreja a se atualizar, ela a levará a se conformar com o mundo e a negar o seu mandato profético.

O perigo dos dois postulados acima reside em que a Teologia Prática se transforme num instrumento meramente auxiliar da teologia que reúne perguntas e examina em que medida as respostas oferecidas pela teologia são adequadas. Trata-se do risco, apontado acima, de restringir a tarefa da Teologia Prática como sendo anterior e posterior à teologia propriamente dita. Para assegurar-lhe um *status* de disciplina teológica em sentido pleno, torna-se necessário definir sua tarefa como sendo igualmente simultânea à teologia.

O não-reconhecimento de uma função teologal própria decorre do fato da teologia tradicional ter operado de maneira dedutiva²². Ai se fazia teologia a partir de pressupostos filosóficos e metodológicos e, num segundo momento, se incumbia a Teologia Pastoral/Prática de elaborar regras de aplicação daquelas verdades de modo que os simples fiéis as pudessem compreender da melhor forma possível. Ou seja, a Teologia Prática vinha no fim, como apêndice da teologia. A teologia era uma ciência de uma via só: faziam-se deduções da verdade revelada e da qual a Igreja era depositária e se pensava depois em regras de aplicabilidade. No máximo, cabia à Teologia Prática levantar temas que a teologia propriamente dita viria a responder.

No momento em que se abandona este esquema e se passa a considerar o lugar social e a prática da fé que incide sobre ele como sendo relevantes para o fazer teológico, a Teologia Prática adquire uma importância diferente. Todo o povo de Deus, e não mais exclusivamente a casta dos teólogos, passa a ser sujeito da teologia. Agora a prática eclesial é lugar teológico e a Teologia Prática, como interlocutora privilegiada dessa prática, tem resgatada a sua função teológica simultânea à práxis.

Conclusão

Tentamos determinar a função específica da Teologia Prática como consciência crítica da Igreja e da própria teologia no sentido de lembrá-las da sua finalidade última: a prática eficaz da fé. O compromisso da Teologia Prática é comprometer a teologia e a Igreja com a prática.

A Teologia Prática só cumpre essa função se estiver permanentemente sintonizada com as necessidades e os anseios do mundo de hoje. Eis por que ela reflete criticamente sobre a vida e a ação da Igreja diante dos desafios e das condições sócio-históricas do tempo atual.

Cabe-lhe contribuir para que a Igreja de Jesus Cristo continue a se tornar evento salvífico aqui e agora. Retomando a metáfora da árvore de Schleiermacher, ela é a copa que oxigena o seu próprio tronco quando este ameaça secar. Teologia Prática quer ser um veículo do Espírito Santo que mantém a Igreja em movimento.

A Teologia Prática promove o diálogo entre a hierarquia e as bases da Igreja, entre a Igreja e o mundo, entre a teologia e as ciências sociais. Ela é o ponto de intersecção de todas essas grandezas.

Ela é o posto avançado da teologia. Leva a teologia às bases da Igreja e para fora dos seus muros e a partir dali atualiza a agenda da teologia e põe a sua eficácia à prova. Por ter uma função teológica, a Teologia Prática igualmente alimenta a teologia com a reflexão própria que faz no *front* da Igreja e da sociedade.

A sua função de atualizar o testemunho da Igreja não pode levar a Teologia Prática a acompanhar modismos e a metamorfosear-se de acordo com o momento só para parecer moderna. O seu compromisso com o mundo não pode levá-la a esquecer o seu compromisso maior com o evangelho. Por isso ela deve fugir do imediatismo ativista e, em estreita parceria com as demais disciplinas teológicas, assumir constantemente uma atitude reflexiva e de autocrítica. Como consciência prática da teologia ela mesma precisa estar consciente das razões teológicas que a norteiam.

Bibliografia

ANTONIAZZI, Alberto. Planejamento Pastoral; Reflexões Críticas. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, 21(53):101-112, 1989.

BARTH, Karl. *Die Protestantische Theologie im 19. Jahrhundert*. Zürich, EVZ, 1947.

BOFF, Clodovis. *Teologia e Prática*; Teologia do Político e Suas Mediações. Petrópolis, Vozes, 1978.

BOHREN, Rudolf. *Praktische Theologie*. In: KRAUSE, Gerhard, ed. *Praktische Theologie* Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1972.

DAIBER, Karl-Fritz. *Grundriss der Praktischen Theologie als Handlungswissenschaft*. München, Kaiser, 1977.

ELIZONDO, V./GREINACHER, N. Evolução da Teologia Prática. *Concilium*, Petrópolis, 190(10):33-42, 1983.

GREINACHER, Norbert. *Theologie im Spannungsverhältnis von Theorie und Praxis*. In: NEUENZET, Paul, ed. *Die Funktion der Theologie in Kirche und Gesellschaft*. Munique, Kösel, s. d.

HENKYS, Jürgen. *Die Praktische Theologie*. In: *Handbuch der Praktischen Theologie*. Berlin, Evang. Verlagsanstalt, 1975. v. 1.

KRAUSE, Gerhard, ed. *Praktische Theologie*; Texte zum Werden und Selbstverständnis der praktischen Disziplin der Evangelischen Theologie. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1972.

LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da Libertação*; Roteiro Didático para um Estudo. São Paulo, Loyola, 1987.

————— *O que É Pastoral*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

————— *Articulação entre Teologia e Pastoral*. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, 19(49):321-352, 1987.

LOEWENICH, Waltherr von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. São Leopoldo, Sinodal, 1988.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Kurze Darstellung des theologischen Studiums*. Edição comentada por H. Scholz, Leipzig, 1910.

SEITZ, Manfred. *Prática da Fé; Culto — Poimênica — Espiritualidade*. São Leopoldo, Sinodal, 1990.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Paulo, Paulinas; São Leopoldo, Sinodal, 1984.

VvAa. *Enciclopédia Teológica: Sacramentum Mundi*. Barcelona, Herder, 1974.

VOLP, Rainer. *Praktische Theologie bei F. D. Schleiermacher*. In: KLOSTERMANN, F./ZERFASS, R. *Praktische Theologie heute*. München, Kaiser/Grünewald, 1974.

Notas

- 1 *Die protestantische Theologie im 19. Jahrhundert*, pp. 379s.
- 2 Carta a Wilhelm von Humboldt, in: Gerhard KRAUSE, *Praktische Theologie*, p. 7.
- 3 Tomás de Aquino considerava o conhecimento especulativo como sendo divino e, por conseguinte, afirmava ser a vida contemplativa simplesmente melhor do que a ativa (“*Cognitio speculativa est divina... quia est de rebus divinis*” e “*vita contemplativa simpliciter melior est quam activa*”); cf. Norbert GREINACHER, in: *Die Funktion der Theologie in Kirche und Gesellschaft*, p. 162. Lutero, numa indisfarçada atitude polêmica e na franqueza que lhe é característica, diz literalmente: “Teologia como ciência especulativa é simplesmente vã” (“*Speculativa scientia theologorum est simpliciter vana*”). E acrescenta: “A verdadeira teologia é prática” (“*Vera theologia est practica*”). “Sem a prática ninguém pode ser erudito” (“*Sine practica kan niemandt gelert sein*”). Apud Jürgen HENKYS, in: *Handbuch der Praktischen Theologie*, p. 25.
- 4 Cf. Walther von LOEWENICH, *A Teologia da Cruz de Lutero*, passim.
- 5 “*Die praktische Theologie (...) hat es nur zu tun mit der richtigen Verfahrensweise bei der Erledigung aller unter den Begriff Kirchenleitung zu bringenden Aufgaben*” (“A teologia prática tem a ver apenas com o procedimento correto no cumprimento de todas as atribuições implícitas no conceito de condução da Igreja”); *Kurze Darstellung des theologischen Studiums*, § 260.
- 6 Schleiermacher toma o termo “coroa” emprestado da figura de uma árvore, com cuja ajuda ele tenta descrever a relação entre as diferentes disciplinas teológicas. A teologia bíblica seria a raiz; a teologia histórica constituiria o tronco; a teologia prática formaria a copa da árvore (no alemão: “*Krone*” = “coroa”). Cf. Rainer VOLP, in: *Praktische Theologie heute*, p. 54.
- 7 Rudolf BOHREN, *Praktische Theologie*, p. 378.
- 8 Paul TILLICH, *Teologia Sistemática*, p. 37.
- 9 *Ibid.*, p. 36. Convém dizer que Tillich não é o único que pensa assim. Refiro-me a ele tão-somente como representante de um modelo. Além disso, convém dizer que para Tillich a teologia bíblica faz parte da teologia histórica (cf. p. 33).
- 10 Apud Karl-Fritz DAIBER, *Grundriss der Praktischen Theologie als Handlungswissenschaft*, p. 75.
- 11 *Ibid.*, p. 74.
- 12 *Ibid.*, p. 61.
- 13 Apud João Batista LIBÂNIO, *Teologia da Libertação*, p. 164.
- 14 Norbert GREINACHER, in: Paul NEUENZET, ed., *Die Funktion der Theologie in Kirche und Gesellschaft*, pp. 164s.
- 15 Apud João Batista LIBÂNIO, *op. cit.*, pp. 161s.

16 Ibid., pp. 162s.

17 João Batista LIBÂNIO, *O que É Pastoral*, p. 11; cf. também o verbete “Pastoral”, in: *Enciclopédia Teológica: Sacramentum Mundi*, vol. 5, col. 264.

18 Cf. João Batista LIBÂNIO, *Articulação entre Teologia e Pastoral*, pp. 323s.

19 Cf. Alberto ANTONIAZZI, *Planejamento Pastoral*, p. 105.

20 Cf. Rudolf BOHREN, *op. cit.*, p. 378.

21 Ibid., p. 384.

22 Cf. João Batista LIBÂNIO, *Teologia da Libertação*, pp. 159s.

Lothar C. Hoch
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS